

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8º e 9º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-234-5



9 788581 712345

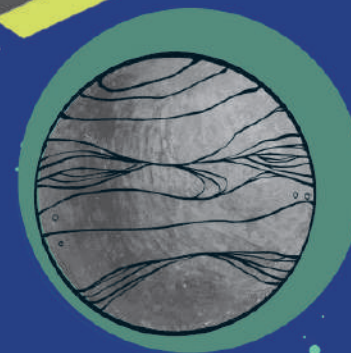
VENDA PROIBIDA



Ítalo Castelar

Ilustrações
Daniel Dias

O PLANETA MACEARABÚZIO





Ítalo Castelar
Ilustrações Daniel Dias

O PLANETA MACAIBÚZIO

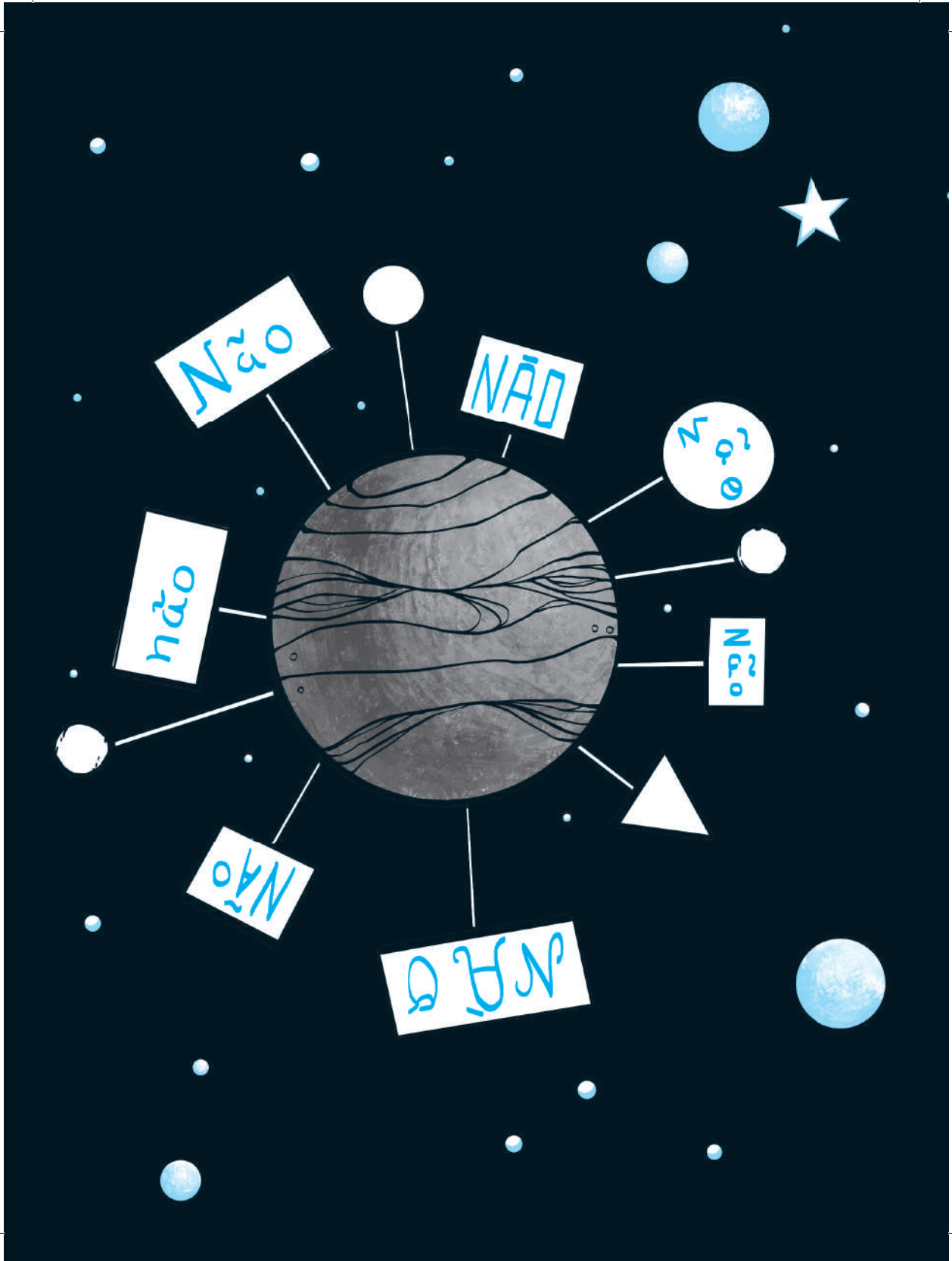


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Sumário

Prólogo:	5
Capítulo um	7
Capítulo dois	9
Capítulo três	11
Capítulo quatro	17
Capítulo cinco	25
Capítulo seis	31
Capítulo sete	41
Capítulo oito	44
Epílogo	46



Nào

NÃO

Nào?

hão

N P?

NÃO

N H?



Prólogo:


Era um planeta muito distante onde não havia música, nem dança, nem cores. Tudo preto, branco e cinza. E por todos os cantos, a palavra NÃO.

Alguma coisa precisava ser feita.

...Mas como um excêntrico inventor e três jovens artistas poderiam mudar a face de um planeta?



Capítulo um



Isaac, Cidinha e Peri amigos desde a infância. O primeiro gostava de violão clássico e de tocar na igreja. Cidinha gostava de rock, balé e teatro. Peri preferia samba e ritmos nordestinos. Apesar de terem estilos diferentes, a amizade falava mais alto e estavam sempre juntos, trocando ideias, fazendo planos, dividindo sonhos.

Neste fim de semana, combinaram um de seus programas favoritos: visitar o professor Gil Pereira, o inventor, e tio de Isaac. O excêntrico cientista gostava de receber a turma para falar de seus últimos projetos e, eventualmente, fazer demonstrações. O problema é que o pai de Isaac, Sr. Zacarias, estava furioso com o cunhado, cuja última demonstração, um polidor de pinturas automotivas, deixara seu carro, antes de um branco imaculado, com uma fulgurante mistura de vermelho-metálico, rosa-pérola e roxo-batata. Sr. Zacarias reclamava:

— Gil, você pensa que eu sou algum carnavalesco? Algum super-herói de cinema pra andar neste faisão sobre rodas? O que vão dizer na reparação? Posso até ser preso se sair desfilando nas ruas com este atentado ao bom gosto!

O professor Gil consolou o cunhado como pôde, prometendo achar uma fórmula para reverter o colorido resultado da experiência.

Os meninos riam a valer, pois sabiam que o professor era boa gente e um grande amigo. Cidinha perguntou:

— Vocês acham que ele vai deixar?

— Não sei. É por isso que estou levando vocês. Às vezes, diante das visitas, os pais zangados se acalmam um pouco. E o papai conhece e gosta muito de vocês.

— Rezemos para que tudo dê certo — animou-se Peri.

Capítulo dois

Sr. Zacarias estava na sala de visitas. Abanava-se com uma revista, pois sempre que ficava nervoso sentia-se calorento. Abanava-se e argumentava:

— Eu já disse que aquele seu tio é meio maluco! Veja se não dá muita bola ao que ele fala. E aquelas invenções, onde já se viu? Devia se preocupar em ter os pés no chão, isso sim!

-Mas, Zacarias, meu irmão ainda não teve muita sorte com os seus inventos, é verdade. Mas, pelo menos, trouxe a fórmula para consertar a pintura do carro — falou Elsa, sua mulher

— Bom, lá isso é verdade, mas foram trinta dias lavando o automóvel até voltar a cor original — concordou Sr. Zacarias.

— Ora pai, o Tio Gil disse que tinha uma surpresa. Deixe, vá.

Sr. Zacarias abanou-se, abanou-se; coçou o queixo como sempre fazia antes de uma decisão importante e, após uma longa pausa, perguntou à esposa:

— Elsa, o que você acha?

Dona Elsa aproveitou a chance e resolveu a questão:

— Tá bom. Podem ir. Estejam em casa domingo antes de anoitecer.

— Eba! — exclamou Peri.

Isaac cutucou o amigo e falou baixinho:

— Vamos antes que alguém mude de ideia.

E saíram felizes porta a fora.



Capítulo três

Acharam o Professor Gil, em seu laboratório, mergulhado num mar de fios, circuitos, pecinhas e luzinhas que davam ao local um jeitão meio bagunçado, meio natalino.

— Ah, meninos, finalmente, chegaram! Estou fazendo os ajustes finais.

— Que nova máquina é esta? — perguntou Isaac.

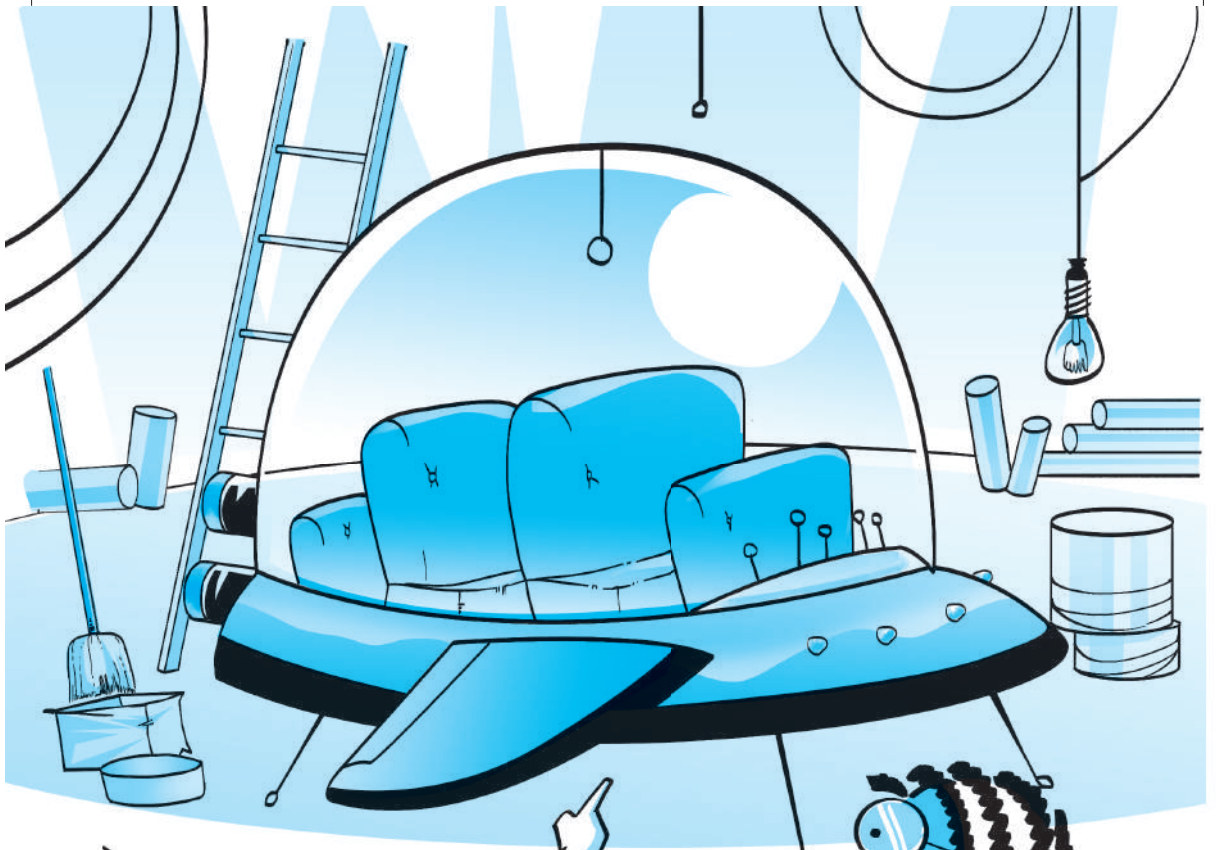
— Tão bonitinha! Adorei as luzes — falou Cidinha, encantada.

Os olhos de tio Gil brilharam:

— É um eteroscópio e serve para transmitir imagens e sons.

— Não seria melhor chamá-lo televisão? — perguntou Cidinha.

— Bem, uma TV só serve para transmitir sons e imagens. Este aparelho faz bem mais do que isso. Com o eteroscópio, podemos também transmitir e receber mensagens, mantendo a comunicação de ambos os lados, observem — explicou o tio.



O estranho aparelho emitiu uma espécie de zumbido que ia mudando de tom.

Peri falou, meio assustado:

— Parece um fantasma.

Tio Gil tranquilizou o menino:

— Não, meu jovem amigo: é uma linguagem que levei alguns meses para decifrar.

Tio Gil mexeu num dos grandes botões de plástico e outros ruídos juntaram-se aos já ouvidos.

Após alguns minutos, perguntou Isaac:.

— Era esta a surpresa, tio?

O professor deu um sorriso.

— Na verdade, não. Vamos até o quintal. Ajudem-me a transportar o eteroscópio.

Os meninos pegaram o aparelho e seguiram o tio até o quintal, onde estava uma nave de forma oval com asas e turbinas. Os meninos tentavam falar:

— Isso é... Isso é uma...

— Uma espaçonave! — exclamou Cidinha.

Tio Gil estufou o peito e, ajeitando o cabelo des-penteado, estendeu a mão num gesto teatral e apresentou, orgulhoso:

— Caro sobrinho, caros amigos, esta é... Astra!

Peri, impressionado, indagou:

— O senhor fez isso tudo sozinho pra gente passear no fim de semana?

O inventor abriu um sorriso e explicou:

— É assim: hoje nós vamos dar um passeio daqueles. Temos uma grande missão a cumprir. E não, eu não fiz tudo isso sozinho. Na verdade, tive uma ajuda de outro mundo. Entremos com o eteroscópio e vamos conhecer a nave por dentro.

A menina cochichou no ouvido de Isaac:

— Seu tio é mesmo uma figura. Como acha que vamos sair do lugar nesse ovo de páscoa?

Tio Gil encaixou o eteroscópio no painel da nave, mexeu nos botões do curioso aparelho e, de repente, a nave começou a vibrar, envolvida numa luz muito forte e azulada.

— Veja, jovem amiga. Podemos controlar e até abastecer a nave pelo eteroscópio.

Cidinha pegou no braço de Isaac, exclamando, entusiasmada:

— Funciona!

Tio Gil sorriu, satisfeito:

— Sim, meninos. A energia limpa e não poluente emitida por este aparelho vai nos manter em movimento.

— E de onde vem essa energia? — indagou Isaac.

— Do planeta Macambúzio, o lugar aonde vamos — respondeu Tio Gil.

— Macambúzio, que nome estranho... O que significa? — quis saber Cidinha.

— Quer dizer triste, mal-humorado — explicou Peri.

Cidinha pôs as mãos nas cadeiras, dizendo:

— E isto é lá lugar pra se visitar no fim de semana?

Tio Gil balançou a cabeça, concordando, mas redarguiu:

— Mas essa é a nossa grande missão: fazer o planeta deixar de ser macambúzio.

— Não é arriscado? — perguntou Peri.

— Confesso que pode haver algum risco. Vocês podem desistir, se quiserem.

— Não, tio. Não seria mais nem menos arriscado que uma viagem de avião ou de trem — falou Isaac.

O professor, orgulhoso pela resposta do sobrinho, anunciou:

— Então, vamos! No caminho eu explico.



Capítulo quatro

Já vestidos com os trajes espaciais que foram, cuidadosamente, confeccionados pelo engenhoso professor, segundo as orientações que recebera de seus amigos de outro planeta, a turma se acomodou no espaçoso e confortável interior da nave.

A decolagem foi rápida e silenciosa. Os meninos nunca tinham viajado de avião e foi com emoção que viram primeiro as casas e pessoas diminuindo, à medida que se distanciavam do solo. Depois, as nuvens passando na janela. Então, distanciando-se ainda mais do sol, todo o céu, ao redor da nave, foi escurecendo aos poucos e abriu-se, majestoso e pontilhado de estrelas.

A essa altura, já dava para ver todos os planetas do sistema solar. Tio Gil ia explicando:

— Ali, meninos, estão o gigantesco Júpiter, o belo Saturno com seus anéis, e o frio planeta Urano. Netuno é azul como nossos mares, mas sem um pingo d'água e lá está o solitário Mercúrio sem nenhuma lua para lhe fazer companhia.



— Um planeta sem lua? As noites lá devem ser bem tristes... — falou Isaac — e aqueles, tio Gil?

— Ah, aquele é o planeta Vênus, brilhante como ele só. Marte, tão vermelho que lhe deram o nome do antigo deus da guerra. E ali está o pequenino Plutão, menor que a nossa lua. E Mercúrio, que só pode ser visto da Terra ao amanhecer ou durante o anoitecer.

— Plutão, um planeta bebê. Mercúrio, um planeta tímido — observou Cidinha.

Durante toda a viagem, maravilharam-se com a quantidade de corpos celestes nunca vistos. Eventualmente, naves espaciais grandes e pequenas, com os mais estranhos formatos, cruzavam a rota da Astra. Os meninos tentavam ver como eram os tripulantes pelas janelas das mesmas.

O eteroscópio começou a emitir o seu zunido característico, e as luzinhas começaram a piscar.

— Veja, professor Gil, aquele planeta coberto de nuvens escuras! — avisou Peri.

— Sim, é o planeta Macambúzio — disse o professor.



A nave manobrou e, após entrar na atmosfera do planeta, pousou suavemente numa duna. Ao longe, viam-se as luzes de um acampamento.

Uma figura aproximou-se. Estava vestida com uma curta túnica branca, semelhante às usadas na antiga Grécia.

O professor tirou vários anéis do bolso do seu traje espacial e os distribuiu entre os jovens companheiros.

— Estes anéis são tradutores. Nossa amiga me mandou o projeto destes dispositivos que farão com que entendamos o idioma local, entre outros.

A moça, que usava um anel semelhante, estendeu a mão numa saudação e falou:

— Meu nome é Naura. Sou filha de Deltron, antigo cientista-chefe de Macambúzio. Fui eu quem chamou vocês. Pelo aparelho que o professor chama eteroscópio, tenho conversado e observado o planeta Terra que possui tudo o que precisamos. Atualmente, somos governados pelos Sovinoides que ocuparam nosso mundo. Eles não permitem as cores, nem a música, nem a dança. E agora, estão querendo proibir os sentimentos.

— Que horror! Por quê? — perguntou Cidinha, que era muito sensível e criativa.

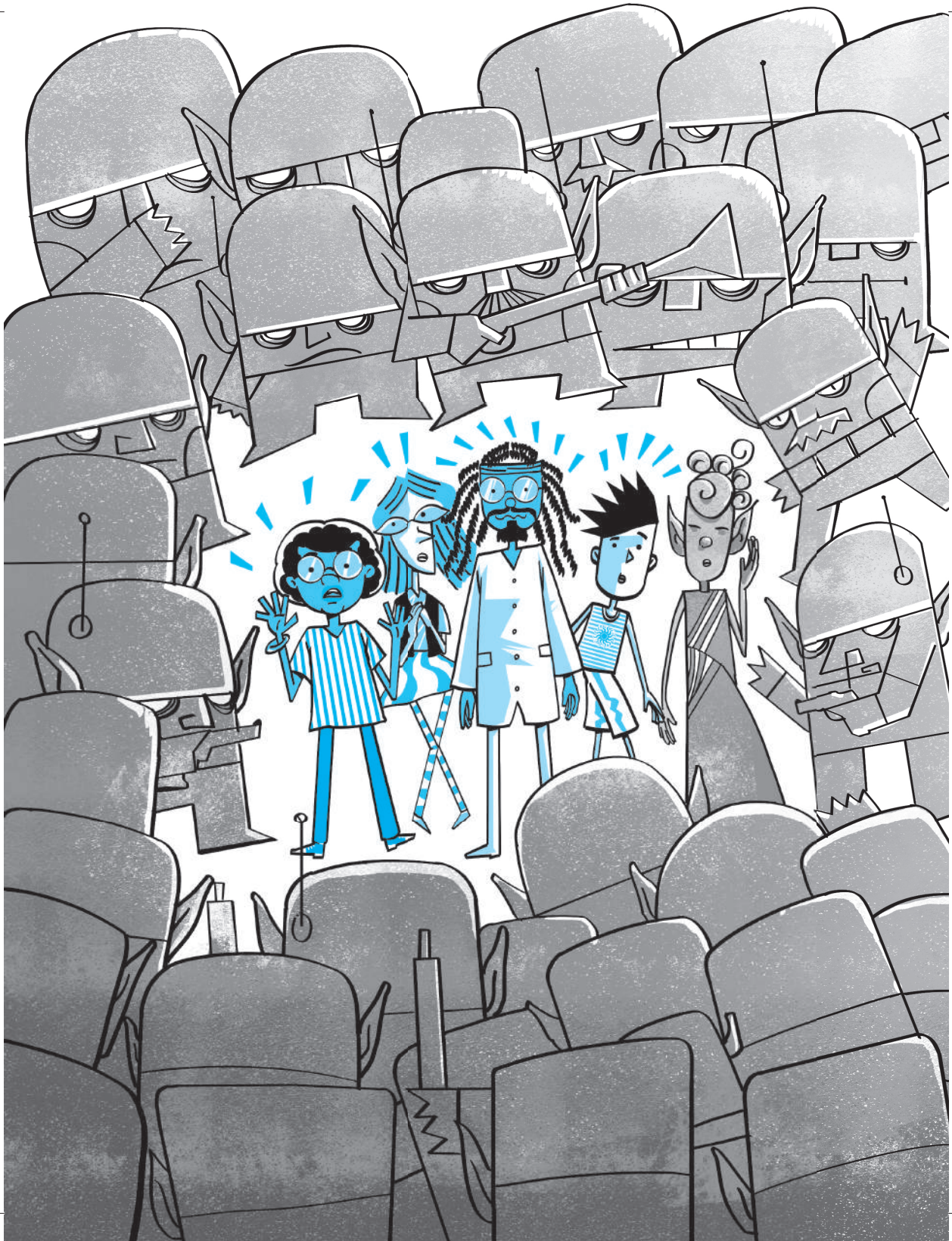
Naura, emocionada, prosseguiu:

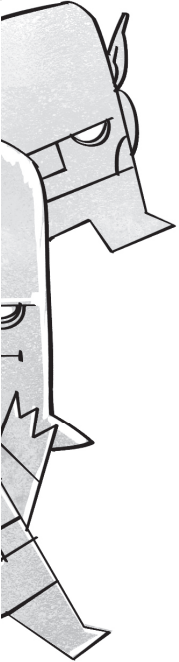
— Nosso planeta chamava-se Da Vuld, uma expressão que no nosso idioma descreve a interação entre razão e sentimento. Os cientistas eram os maiores responsáveis pela nossa administração. Havia liberdade de pensamento, de criação e uma relação de respeito e responsabilidade com o meio ambiente. Após a ocupação Sovinoide, o planeta está sendo cruelmente explorado, e o povo mantido sob uma severa vigilância que impede quaisquer tentativas de mudança.

— Não é o único planeta na galáxia com problemas assim — refletiu o professor — por isso resolvi ajudá-los. Após estudar bastante o perfil dos Sovinoides, seus hábitos, ideias e convicções, elaborei um plano, em cuja execução essa turminha se tornará indispensável.

Naura, comovida, ia agradecer aos novos amigos quando, de repente, uma voz grossa anunciou:

— Aqui fala o Marechal Quadrado! Vocês estão presos!





O Marechal Quadrarão e sua tropa de quadrados cercaram o grupo. Capacetes, escudos, meda-
lhas, bigodes, tudo era quadrado.

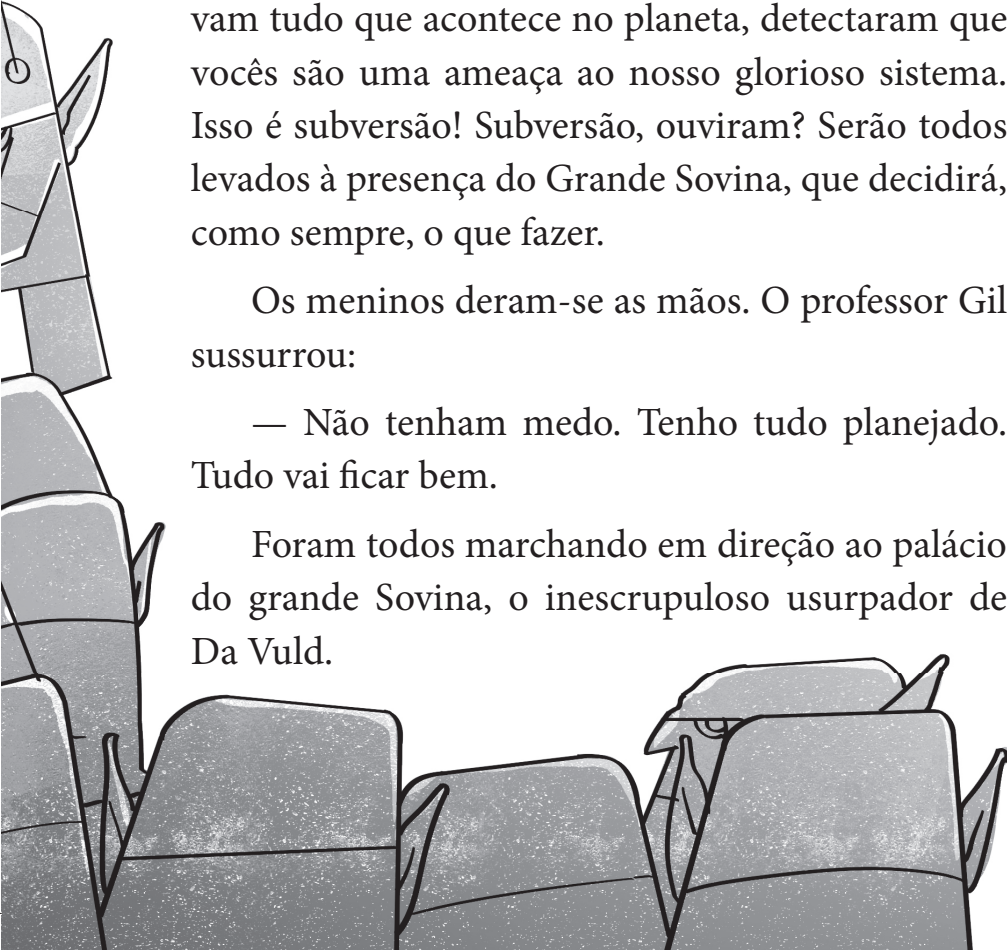
O marechal pigarreou, e, engrossando ainda mais a voz, remexeu o bigodinho curto e quadrado entrincheirado entre a boca e o nariz, falou, olhando para Naura:

— Recebemos uma denúncia do Ministério da Inveja que, através da rede de enxeridos que observam tudo que acontece no planeta, detectaram que vocês são uma ameaça ao nosso glorioso sistema. Isso é subversão! Subversão, ouviram? Serão todos levados à presença do Grande Sovina, que decidirá, como sempre, o que fazer.

Os meninos deram-se as mãos. O professor Gil sussurrou:

— Não tenham medo. Tenho tudo planejado. Tudo vai ficar bem.

Foram todos marchando em direção ao palácio do grande Sovina, o inescrupuloso usurpador de Da Vuld.





Capítulo cinco

As ruas estavam semidesertas, curiosos animais da fauna davuldiana que foram outrora belos e bem cuidados, pela generosa população, estavam pelos cantos, trêmulos de frio e fome. Um desses animais era uma pequena criatura de rosto felino, com longas e fortes pernas de rã e o corpo coberto com uma fina plumagem prateada, saltou para o colo de Cidinha.

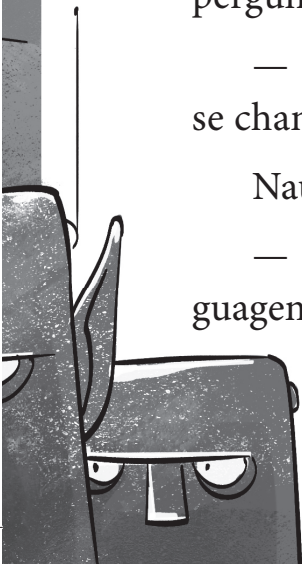
— Tenho frio, me perdi da minha mãezinha. Onde está minha mãezinha? Você sabe? Você viu?

Naura, cujo pai havia desaparecido, após a invasão sovinoide, acariciou o animalzinho com ternura. Cidinha abraçou a pequena e curiosa criatura e perguntou, espantada:

— Os animais do planeta sabem falar? Como se chama?

Naura acariciando o pelo do bichinho, disse:

— O anel tradutor também compreende a linguagem de animais e plantas. Este é um zaadjir, um



híbrido muito inteligente. Chega inclusive a aprender a pronunciar algumas palavras. Havia milhões deles, no planeta, mas os sovins os transformaram em mercadoria, vendendo-os a colecionadores e até a restaurantes carnívoros por toda galáxia.

Peri perguntou, indignado:

— Existe algo que esses invasores não consigam transformar em lucro?

O Marechal Quadrado que ouvia, com atenção, a conversa do grupo, esbravejou:

— Que perguntas são essas? Isso é subversão. Subversão, ouviram? Ali está o palácio, em frente à Praça Maior. Apressem o passo que vai começar a Nossa Versão.

A Nossa Versão, uma transmissão para todo o planeta, era o único programa informativo, permitido pelo governo invasor. Seu lema bem que poderia ser: “Sempre tenha certeza dos fatos antes de distorcê-los”. No programa, transmitido por grandes alto-falantes em torno da Praça Maior, a Rede de Enxeridos pertencente ao Ministério da Inveja tinha uma tarefa simples: engrandecer o governo

sovinoide e avacalhar tudo o que não fosse sovinoide, ou seja, toda a cultura e todo o estilo de viver e pensar do povo davuldiano, que era obrigado a assistir ao programa.

Uma das razões para assistirem aquele festival de patacoadas era a recarga dos subtrás, os cartões eletrônicos que foram impostos pelos invasores como moeda oficial. Quem assistisse ao programa com o cartão no bolso, teria renovado eletronicamente o seu pequeno poder de compra, suficiente apenas para sobreviver. Os alto-falantes berravam:

“Macambúzios, macambúzios! Enquanto vocês gastam seus subtrás em guloseimas e inutilidades, o Grande Sovina zela por seu bem-estar e sua segurança. Foram capturados hoje pelo valoroso Marechal Quadrão, um grupo de perigosos alienígenas, junto com a líder rebelde Naura, responsável por estimular a rebelião contra o nosso glorioso governo”.

Os davuldianos ouviram cabisbaixos. Inteligentes e acostumados a questionar, não acreditavam numa palavra do programa, que refletia exatamente o contrário da triste realidade do, outrora tão feliz,

planeta. Mas, se não fingissem concordar com aquelas mentiras, sofreriam injustiças ainda maiores.

O Marechal subiu as escadarias do palácio com os prisioneiros, quando o pequeno zaadjir começou a elevar sua voz dizendo a única palavra que aprendera.

— Naura! Naura! Naura! Naura!

O professor e os meninos juntaram-se à criatura e à multidão na praça a princípio temerosa, criou coragem e começou a imitá-lo, com os punhos erguidos num gesto libertário:

— Naura! Naura! Naura!

O Marechal, muito vermelho, esbravejava:

— Enlouqueceram? Como ousam aplaudir esta rebelde? Isto é subversão! Subversão, ouviram?

Não ouviram. Os gritos estavam altos demais. A punição não tardou, os alto-falantes anunciaram:

— O Grande Sovina ordena: não haverá recarga de subtras para este periociclo. Arrependam-se... Arrependam-se... Arrependam-se...

Entrando no palácio, Naura e o grupo de terráqueos foram recolhidos a uma sala de paredes nuas. Isaac, receoso, perguntou:

— A barra aqui é pesada. Que lugar é este em que viemos parar, tio?

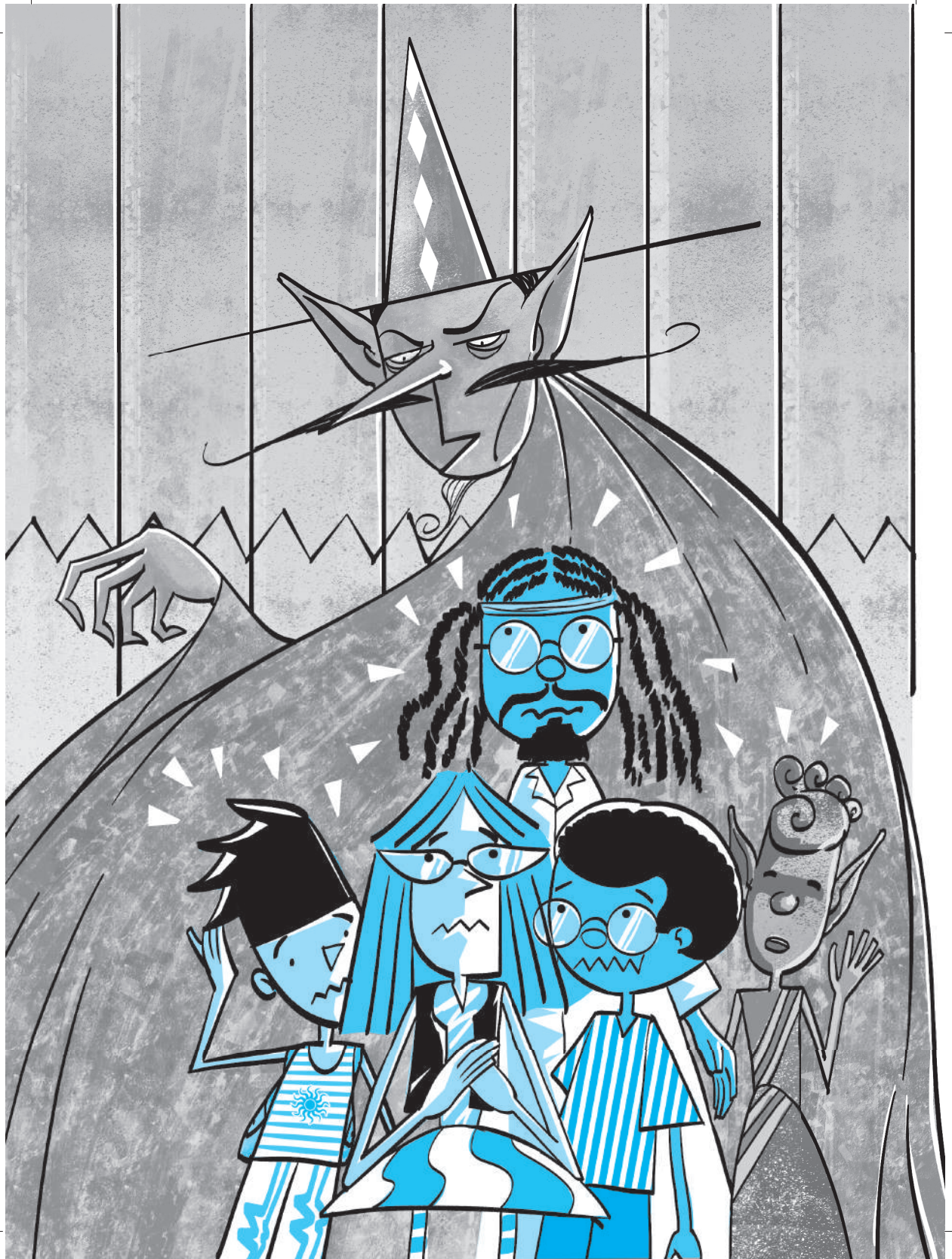
O professor percebeu que Cidinha e Naura estavam relativamente calmas. Peri, a um canto, de mãos postas, rezava baixinho.

O professor respondeu, tranquilo:

— Jamais arriscaria sua vida ou segurança se não tivesse cem por cento de certeza da eficácia do meu plano. Sem armas, sem ódio e sem violência vamos reconquistar este lugar e devolvê-lo a seus legítimos donos. Conhecendo suas habilidades, enchi o compartimento de carga da espaçonave com...

A turma ouvia o professor, cada palavra os fazia dar certo crédito ao pai de Isaac, Sr. Zacarias. Se aquele plano maluco funcionasse, seria a salvação do planeta. E deles mesmos.

Horas depois, foram levados por um longo, escuro e frio corredor até chegarem ao Gabinete Ministerial.



Capítulo seis

Foram recebidos pelo Ministro da Inveja, um sovinoide enrolado numa grande capa preta e usando um chapelão pontudo. O ministro, ao observar aqueles estranhos terráqueos, foi logo dizendo:

— Que roupas são estas? Que aparência é esta? Todas estas cores e modelos diferentes! Assim o planeta está perdido! Quem são vocês e o que fazem no nosso mundo?

O professor respondeu:

— Caro ministro, eu Sou Gil Pereira, inventor de geringonças, traquitanas, engenhocas e outros badulaques. Meu sobrinho Isaac e seus amigos Peri e Cidinha são... Astros especialmente convidados.

O Ministro franziu as sobrancelhas, enterrou o chapelão na cabeça e resmungou:

— Vocês falam uma linguagem muito estranha. Mas não importa. Sigam-me. O Grande Sovina os espera.

Seguiram por mais corredores longos e escuros, onde os funcionários do palácio, todos vestidos totalmente de preto, andavam de cabeça baixa e em silêncio para não incomodar o líder.

O Grande Sovina estava numa enorme e luxuosa sala cheia de cofres e baús, diante de uma gaiola, tentava ensinar novas palavras a seu zaadjir de estimação.

— Vamos, criatura estúpida! Repita comigo: um país! Um povo! Um líder!

O zaadjir aprisionado limitava-se a olhar para o seu interlocutor e assoprar entre os lábios semicerrados:

— Bzzzzzzzzzzzzt!...

O Grande Sovina franziu as sobrancelhas e resmungou:

— Por que tenho a impressão que esta abominável criatura zomba de mim?

O pequeno zaadjir sussurrou para Cidinha:

— É minha mãezinha. Por que está presa?

— Tenha calma, pequenino — falou Peri.

O Grande Sovina, ao ouvir as vozes, voltou-se e abriu os braços:



— Bem-vindos ao meu palácio, forasteiros. Sou Agre Bossalius, Arquiduque, Ultraconde, Extrabarrão e Grande Sovina. Esta é minha sala particular. Aqui, me distraio um pouco, conferindo as riquezas que venho acumulando nas várias regiões desse planeta. Tenho minerais de Jactor, potentes geradores de energia; os valiosos seixos de Zadien, que uma vez lapidados e transformados em joias, permitem a seus usuários controlar mentes. E o meu favorito: o cascalho de Yrazeksh, cuja radiação será muito útil nas nossas indústrias de armamentos.

O Ministro da Inveja curvou-se, tirou o chapéu pontudo e girando-o rapidamente no ar, numa exagerada saudação, informou:

— Vieram de outro planeta, conhecido como Terra, ó Grande Sovina.

— Invasores? Ora, mais! Chegamos primeiro, isto é... Quer dizer... O que pretendem?

— Calma, seu Sovina. Somos divulgadores da cultura do planeta Terra e trouxemos umas coisas para o senhor ver — disse Isaac.

E foram tirando das mochilas livros, material de

pintura e vários instrumentos musicais. Ao ver um cavaquinho, o Ministro da Inveja gritou:

— Vejam, a menina tem uma arma!

Grande Sovina, alarmado, perguntou:

— Que estranha arma é esta?

— Não é arma, Seu Sovina. É um cavaquinho. Serve para fazer música. Experimente!

— Música? O que vem a ser isto?

Cidinha tirou, tocou algumas notas, fez um acorde de dó maior e o passou ao Grande Sovina que, desajeitado, tocou algumas notas e de repente, como que contagiado pelo som cristalino do cavaquinho, começou a cantar:

*Umbigo-birigo-bigo
Cada qual com seu umbigo
Existe umbigo novo
Também tem o antigo
Há muitos por aí,
Mas o meu está comigo
Umbigo-birigo-bigo
Cada qual com seu umbigo.*

Naura, muito espantada, olhou para a menina que, segurando uma risadinha, cochichou:

— Bem, já é um começo...

O Ministro da Inveja, que era mesmo muito invejoso, não se segurou:

— Ei, por que é que ele tem e eu não tenho? Eu também quero tocar, pintar e dançar. Também quero!

— Calma, Seu ministro — disse Cidinha — sua vez vai chegar. Mas, para o senhor guardei algo muito especial: o teatro! Nele, o senhor vai poder ser quem bem quiser.

— Quem eu bem quiser? Oba! Assim, não preciso mais sentir inveja de ninguém.

Acabou-se o Ministério da Inveja! E, numa surpreendente prova de generosidade, anunciou:

— Meu último decreto: Naura fica no meu lugar, vai ser a Ministra da Alegria!

— Bom — disse Naura, ainda tentando entender o que acontecia — meu primeiro decreto será: libertar meu pai e todos os exilados e prisioneiros de Da Vuld. O senhor poderia informar onde estão?

O ministro assustou-se com a pergunta.

— Bem, temos que pedir a autorização ao Grande Sovina. Podemos libertar os prisioneiros, ó Grande Líder...

Mas o líder invasor, ao invés de sim ou não, apenas gritou:

— *Umbigo!*

E saiu dançando, tocando seu cavaquinho e promovendo uma farta distribuição de samba a todo o atônito funcionalismo palaciano.

Isaac falou:

— Acho que isso quer dizer sim. O micróbio do samba causa um certo efeito democrático nas pessoas...

O ex-ministro deu uma volta na grande capa preta, arrumou o chapelão, ergueu a cabeça e, pondo a mão no ombro de Isaac, anunciou:

— Com licença, vamos ao teatro!

A zaadjir presa na gaiola falou:

— Deltron... Subterrâneos... Palácio! Deltron.. Subterrâneos...

Soltaram-na imediatamente e, num salto, a zadjir saiu da gaiola e abraçou seu filhote.

Enquanto o Grande Sovina e o ex-ministro cantavam, dançavam, representavam e pintavam o sete, Naura, tio Gil e os meninos ficaram discutindo os novos rumos do planeta até tarde.

— Bom, agora é só levar as novidades para o povo. Vejam, já tem gente, ao redor do palácio, querendo saber das mudanças.

O professor sussurrou algumas palavras no anel tradutor, e logo a Astra partiu rumo à cidade. O polidor de pinturas automotivas, que tanta dor de cabeça causou a Sr. Zacarias, começou a jorrar da nave, e as partículas da fórmula, espalhadas no ar, foram aderindo às paredes, prédios, roupas e veículos tingindo tudo que era preto, branco e cinza de cores alegres e brilhantes. Ao final do trajeto, a Astra pousou no centro da Praça Maior. O compartimento de carga da nave se abriu, cheio de mais instrumentos e equipamentos mostrados no palácio.


O Marechal, em vez de fazer seu costumeiro discurso, tratou de agarrar uma tuba e começou a soprá-la e soprá-la, tirando sons incrivelmente desafinados, soprava até cair no chão, tonto e muito vermelho para, às gargalhadas, recomeçar o seu divertido aprendizado.








Capítulo sete




As novidades se espalharam como raios de sol. Finalmente, Da Vuld voltava a respirar. Um tratado de paz e cooperação foi assinado. O Grande Sovina devolveu a sua fortuna acumulada para fabricar, editar, sob a orientação do professor Gil, livros e instrumentos que seriam enviados aos outros sovinoídes espalhados no universo.



Após quatro dias de samba, cavaco e umbigadas, Agre Bossalius, o regenerado invasor de mundos, refletia, muito envergonhado:

— Sabe, gente, nosso planeta natal, Tacanha, é totalmente sem graça e carente de tudo. Aprendemos a invadir e tomar em vez de compartilhar.

O cientista Deltron, pai de Naura, já livre dos subterrâneos do palácio, pôs a mão no seu ombro e falou, conciliador:



— Se ao menos você tivesse deixado seus desvairados planos de conquista de lado, teríamos prazer em dividir o que temos com vocês, como amigos, não como escravos.



Encabulado, o sovinoide balançava as mãos e tentava argumentar:

— Mas, vocês não entendem... As ordens... O Alto-comando... As ordens... Eu era um Grande Sovina... Eu era um grande...

Agre Bossalius não pôde mais. Pela primeira vez desde que tinha nascido a mais de setecentos anos, abriu a boca e começou a chorar como uma criança.



Capítulo oito

★ No domingo ao meio-dia, horário da Terra, a turma preparou-se para o regresso. Naura abraçou a todos, dizendo:

— Muito obrigada por tudo. Vocês vão encontrar isso aqui muito mudado!

Deltron perguntou:

— Vocês merecem uma recompensa. O que querem?

★ Cidinha falou, um tanto sem jeito:

— Bem... Poderíamos ficar com a Astra? Vai facilitar muito a viagem de volta.

Peri e Isaac falaram quase ao mesmo tempo. Gostaríamos de ficar com os anéis tradutores. Há muitos animais e plantas na Terra com muito a nos dizer.

Naura respondeu, sorrindo.

— Isso já é de vocês. Aguardamos o seu regresso com mais novidades.

O professor cumprimentou a todos e lembrou:

— Bom, agora temos que partir. Haveremos de nos reencontrar em breve. Felicidades a todos!

Embarcaram na Astra, que partiu sob os aplausos de davuldianos e sovinoídes.





Epílogo

Pelo horário terrestre, a nave chegaria às cinco e meia. A turma dedicou toda a viagem de volta a dominar os controles da Astra e do eteroscópio, sob a orientação do professor Gil. Já estavam trocando mensagens com naves e planetas por onde passavam.

Peri considerava:

— Ninguém vai acreditar em nós. Viajar pelo espaço, conhecer vida extraterrena, fazer uma revolução e ainda deixar todo mundo feliz.

Peri acrescentou:

— Nós, terráqueos, temos muito a ensinar e muito que aprender com o universo.

— E como faremos, agora que tudo isso aconteceu? — perguntou Isaac.

O professor entrou na conversa:

— Bem, turminha. Na verdade, eu estive elaborando um plano: com a ajuda de uns aparelhos que projetei...

Rumo a um calmo e dourado entardecer de domingo, a espaçonave Astra percorria o espaço enquanto, no seu interior, um grupo de improváveis heróis fazia planos, trocava ideias, dividia sonhos... E o começo de uma nova aventura...





Ítalo Castelar

Oi! Meu nome é Italo Castelar. Nasci em Fortaleza, cidade onde resido. Além deste livro, escrevi e publiquei, entre outros, “Lobisomem Também é Gente” e acabo de concluir “Luzbel e o Andarilho”. Amo guitarras, pedais de efeito, lasanha e por último, mas não menos importante, minha família, com quem participo do projeto lítero-musical “Reciclando o Futuro”, que reúne música e contação de histórias. Um dos meus sonhos é ver um livro meu adaptado para o cinema. Dedico este livro para Arthur, Cauê e Linda.



Daniel Dias

Ilustrador e artista gráfico.
Nasci em Fortaleza - CE, no ano de 1976.
A maior parte da minha produção é destinada ao público infantil e infantojuvenil. Meu trabalho tem como base a pesquisa de materiais e estilos, envolvendo estudo de técnicas tradicionais de pintura, desenho, fotografia e colorização digital. Atualmente, trabalho em projetos editoriais de fomento à leitura e de acesso ao livro.